



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

ANA ELLIZA SILVA MARINHO

**GRUPOS DE MARACATU EM CAMPINA GRANDE-PB: TRAJETÓRIAS,
MEMÓRIAS, SENTIDOS E SIGNIFICADOS DA MANIFESTAÇÃO
CULTURAL**

CAMPINA GRANDE

2023

ANA ELLIZA SILVA MARINHO

**GRUPOS DE MARACATU EM CAMPINA GRANDE-PB:
TRAJETÓRIAS, MEMÓRIAS, SENTIDOS E SIGNIFICADOS DA
MANIFESTAÇÃO CULTURAL**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado na modalidade de monografia, ao Departamento de Educação Física da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Educação Física.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Elaine Melo de Brito Costa

CAMPINA GRANDE

2023

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

M338 Marinho, Ana Elliza Silva.
Grupos de maracatu em Campina Grande - PB
[manuscrito] : trajetórias, memórias, sentidos e significados da
manifestação cultural / Ana Elliza Silva Marinho. - 2023.
42 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Educação Física) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro
de Ciências Biológicas e da Saúde, 2023.

"Orientação : Profa. Dra. Elaine Melo de Brito Costa,
Coordenação do Curso de Licenciatura em Educação Física -
CCBS. "

1. Brincantes de cultura popular. 2. Políticas públicas. 3.
Memórias. 4. Dança. 5. Maracatu. 6. Fomento cultural. I. Título

21. ed. CDD 613.7

ANA ELLIZA SILVA MARINHO

GRUPOS DE MARACATU EM CAMPINA GRANDE-PB: TRAJETÓRIAS,
MEMÓRIAS, SENTIDOS E SIGNIFICADOS DA MANIFESTAÇÃO
CULTURAL

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado na modalidade de monografia,
ao Departamento de Educação Física da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial para obtenção do título de
Licenciado em Educação Física.

Aprovado(a) em: 28 / 11 / 2023

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dra. Elaine Melo de Brito Costa (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba



Prof. Me. Daniel Batista Santana (membro titular)
Universidade Estadual da Paraíba



Prof. Me. Morgana Guedes Bezerra (membro titular)
Universidade Estadual da Paraíba

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, devo gratidão a minha família do terreiro N'Zô Leão dos Ventos pela confiança, coragem e ensinamentos que me estimularam a dar continuidade na pesquisa e confiar sempre na ajuda dos meus ancestrais.

Gratidão à Universidade Estadual da Paraíba pela oportunidade de cursar e estudar mais sobre Educação Física e suas diversas áreas de estudos.

Gratidão à minha orientadora Prof.^a Dr.^a Elaine Melo de Brito Costa por toda a ajuda, conhecimento e suporte que me ofereceu, pela disponibilidade de tempo, pelas várias correções, pelos incentivos e apoios que eu precisava e por ter executado a orientação sempre de maneira objetiva.

Gratidão aos professores e professoras do curso que ajudaram a contribuir com minha formação acadêmica e humana.

Gratidão aos meus pais, Ana Paula e Alírio, que sempre se esforçaram para me fornecer uma educação de qualidade. A minha avó, Maria de Fátima, que sempre me ajudou a focar no meu objetivo. Aos meus irmãos, Rafaela, Luiza e Júnior que sempre me apoiaram nas decisões que eu precisaria tomar. As minhas tias e tios que sempre me dão dicas, suporte e conselhos relacionados à universidade.

Agradeço em especial as minhas amigas e irmãs, Bruna e Lucineide, que me incentivaram muito nas horas que eu queria desistir do projeto e da minha formação.

Gratidão aos grupos, Batuque Nagô, Baque Mulher e Maracagrande que se disponibilizaram a me ajudar na realização deste projeto e pela paciência de cada um.

Gratidão a Luan, Cecília e Thiago pela paciência e disponibilidade de tempo para a realização da pesquisa.

Agradeço imensamente a Mestra Joana Cavalcante, mestra do Maracatu Nação Encanto do Pina, fundadora e idealizadora do Baque Mulher e Yalorixá do Ylê Axé Oxum Deym, foi ela que me inspirou a idealizar este projeto.

Gratidão aos grupos populares e folclóricos da cidade, Acauã da Serra e Ariús, por me proporcionarem as vivências com as danças que eu tanto precisava para idealizar este projeto e os próximos que virão.

Gratidão aos meus colegas e amigos de curso pelos momentos e vivências compartilhadas nessa jornada.

A todos os que citei e aos que não foram citados, mas de alguma maneira contribuíram, meus sinceros agradecimentos.

RESUMO

A pesquisa teve como objetivo geral identificar os grupos de Maracatu na cidade de Campina Grande-PB (de percussão e/ou dança). Quanto aos objetivos específicos: compreender os sentidos e significados do maracatu para os grupos a partir de seus representantes, bem como, apresentar formas de resistências dos grupos de maracatu em Campina Grande-PB. A relevância do estudo revela-se no sentido de dar visibilidade aos grupos de maracatu existentes, de forma que pessoas e instituições possam conhecer suas atividades, ao mesmo tempo, em que o estudo reconhece nos mesmos um acervo histórico e de memórias do maracatu em Campina Grande-PB. A pesquisa, de abordagem qualitativa, do tipo pesquisa de campo, utilizou como instrumento de coleta a entrevista semi-estruturada. Foram mapeados quatro grupos de maracatu em Campina Grande. No entanto, um deles não está ativo, por isso não compôs o *corpus* da pesquisa. Dessa forma, foram identificados os seguintes grupos de Maracatu: Baque Mulher, Batuque Nagô e Maracagrande, apresentados por ordem alfabética. Os grupos revelam-se como agentes culturais e movimentos de resistência da cultura afro-brasileira, por meio das vivências com as danças, músicas e crenças. Os grupos resistem à falta de política pública municipal e estadual para produzir e manter vivo o maracatu como cultura popular de matriz africana. Espera-se que o estudo possa ser objeto de conhecimento para as aulas de Educação Física e que o estudo fortaleça a produção de conhecimento sobre políticas públicas culturais.

Palavras-chave: grupos de maracatu; cultura popular; cultura afro-brasileira; dança.

ABSTRACT

The research had the general objective of identifying Maracatu groups in the city of Campina Grande-PB (percussion and/or dance). As for the specific objectives: to understand the meanings and meanings of maracatu for the groups based on their representatives, as well as to present forms of resistance by maracatu groups in Campina Grande-PB. The relevance of the study is revealed in terms of giving visibility to existing maracatu groups, so that people and institutions can learn about their activities, at the same time, in which the study recognizes in them a historical collection and memories of maracatu in Campina Grande-PB. The research, with a qualitative approach, of the field research type, used a semi-structured interview as a collection instrument. Four maracatu groups were mapped in Campina Grande. However, one of them is not active, which is why it was not included in the research corpus. In this way, the following Maracatu groups were identified: Baque Mulher, Batuque Nagô and Maracagrande, presented in alphabetical order. The groups reveal themselves as cultural agents and resistance movements of Afro-Brazilian culture, through experiences with dances, music and beliefs. The groups resist the lack of municipal and state public policy to produce and keep maracatu alive as a popular culture of African origin. It is expected that the study can be an object of knowledge for Physical Education classes and that the study will strengthen the production of knowledge about cultural public policies.

Keywords: maracatu groups; popular culture; afro-brazilian culture; dance.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 -	Fundadora da Filial do Baque Mulher Campina Grande: Cristina.	21
Imagem 2 -	Coordenadora do Baque Mulher Campina Grande: Cecília.....	21
Imagem 3 -	Diretor e Fundador do grupo Batuque Nagô: Luan.....	22
Imagem 4 -	Coordenador e Diretor do grupo em seu aniversário: Danilo e Luan.....	22
Imagem 5 -	Batuque na Praça da Bandeira.....	23
Imagem 6 -	Diretor e coordenador do Maracagrande: Thiago Tarta.....	23
Imagem 7 -	Percussão Baque Mulher e Intervenção popular.....	24
Imagem 8 -	Primeira oficina de Dança do Batuque Nagô.....	24
Imagem 9 -	Primeira apresentação com dança do Batuque Nagô.....	26
Imagem 10 -	Aniversário de nove anos do Maracagrande.....	26
Imagem 11 -	Primeira apresentação de dança do Baque Mulher.....	28
Imagem 12 -	Oficina de dança Baque Mulher.....	29
Imagem 13 -	Ensaio percussivo do Baque Mulher no Cine Teatro São José.....	29
Imagem 14 -	Inauguração da ala de dança no São João 2023.....	31
Imagem 15 -	Intervenção percussiva em escolas municipais de Campina Grande.....	31
Imagem 16 -	Intervenção pública no bairro do Jeremias em Campina Grande...	33

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	7
2	REFERENCIAL TEÓRICO.....	9
2.1	Maracatu: História de resistência no nordeste brasileiro.....	9
2.1.1	Maracatu Nação e Rural.....	11
2.1.2	A Religiosidade no Maracatu: a dança e a música.....	13
3	MATERIAL E MÉTODOS.....	16
3.1	Caracterização da Pesquisa.....	16
3.1.1	População e Amostra.....	16
3.1.2	Critérios de Inclusão e Exclusão.....	17
3.1.2.1	Instrumento de Coleta de Dados.....	17
3.1.2.1.1	Procedimento de coleta de dados.....	17
3.1.2.1.1.1	Processamento e análise dos dados.....	18
3.1.2.1.1.1.1	Aspectos éticos.....	18
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	20
4.1	Memórias de grupos de Maracatu de Campina Grande.....	20
4.1.1	Percussão, Dança e Religiosidade.....	23
4.1.2	Cultura e Resistência popular.....	27
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	38
	APÊNDICE A – ROTEIRO DA ENTREVISTA.....	40

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa surge de um interesse particular em estudar sobre os grupos de Maracatu, atuantes em Campina Grande. Diante do encantamento pela beleza da religiosa e a riqueza cultural, presentes nessa manifestação cultural, foi somado ao meu processo de formação de professora de Educação Física, fortalecendo assim, o interesse acadêmico-científico pela temática despertando para reflexões acerca das danças de matrizes afro-brasileiras e afro-indígenas, através do componente curricular ‘Dança’.

Ainda que tais danças estejam garantidas o trato de seu conhecimento na escola, conforme a lei 11.645/08 que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de educação básica a obrigatoriedade da história e cultura afro-brasileira e afro-indígena (Brasil, 2008), o maracatu, assim como, as demais danças de matrizes africanas e indígenas, são pouco exploradas nas escolas, onde o racismo estrutural pode explicar tal realidade.

Recentemente, em 2018, a educação básica brasileira passou a ser norteadada pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) – Ensino fundamental/Educação Física, em que aponta na Unidade Temática ‘Danças’, o objeto de conhecimento para o 3º ao 5º ano, as danças do Brasil e do mundo, danças de matrizes africanas e indígenas.

De acordo com Lima (2018), as músicas e danças brasileiras são ricas, potentes e presentes na construção de cultura popular brasileira. Para o autor, a musicalidade, dança e religião conectadas por culturas e povos diversos (especialmente indígenas e africanos) produziu o maracatu a partir da miscigenação que, para o autor essa fusão cultural “enriqueceu, contagiou e impregnou a população brasileira através de ritmos como o Maracatu e o Afoxé, de modo que, mesmo conhecendo ou não a origem e o culto à religião, as pessoas aprendem, dançam, cantam, tocam de modo a manter a cultura brasileira” (p. 156)

O surgimento exato do Maracatu em Pernambuco é desconhecido. Porém, estudos realizados, discutidos por Lima (2019), são consensuais na compreensão de que essa manifestação tenha feito parte das cerimônias de coroação de Reis do Congo no século XVIII e XIX no país. O autor faz uma crítica à visão hegemônica que os estudos tratam sobre a origem do maracatu a partir das festas de coroação dos reis do Congo, “como se estas fossem um ponto de origem para diversas manifestações culturais existentes no país” (p. 260), por considerar tal compreensão uma perspectiva histórica linear.

Considerando os processos de distanciamentos de suas regiões de origem, os africanos que foram trazidos para ao Brasil despertaram para a necessidade de ressocialização, de desenvolver medidas e manifestações que fortalecessem a coletividade e propiciassem a comunicação entre os grupos. O Brasil é multi, pluricultural, portanto, suas as práticas culturais produzidas em diferentes tempos-espacos é um processo híbrido que aglutina povos de lugares e origens diversas (Peixe, 1980).

A existência do maracatu, na cidade do Recife-PE, pode ser vivenciada pelas ruas mais antigas do bairro do Recife antigo no entardecer dos domingos, onde grupos de jovens, pelas esquinas, saem tocando alfaias e muitos grupos culturais incorporaram às suas apresentações a batida do maracatu ou seu jeito de dançar, como afirmam (Guillen; Lima, 2006).

O Maracatu, reconhecido como patrimônio cultural imaterial do Brasil, de baque virado ou de baque solto, merece devido reconhecimento. Acompanhando sua dinâmica histórica de antigas coroações, guerras e festejos, este festejo se reelaborou e trouxe à tona diversas nações e importantes referências na música popular brasileira como Lia de Itamaracá, que é uma figura muito presente nas danças de ciranda, sempre remetendo às raízes culturais africanas, fazendo surgir novas nações, grupos e bandas no cenário contemporâneo (IPHAN, 2008).

Essa reelaboração na verdade, se trata da ressignificação das tradições onde há um conjunto de significados, expectativas e comportamentos compartilhados por um determinado grupo social, o qual facilita e ordena, limita e potencializa os intercâmbios sociais, as produções simbólicas e materiais e as realizações individuais e coletivas dentro de um marco espacial e temporal determinado. A cultura, portanto, é o resultado da construção social, contingente às condições materiais, sociais e espirituais que dominam um espaço e um tempo. (Pérez Gomes, 1992, p. 17).

Nessa vivência de pesquisar o maracatu, fora observado que cidades paraibanas e pernambucanas, como João Pessoa (Centro Histórico), Campina Grande (no Açude Velho), Recife (Centro Histórico), Nazaré da Mata (Comunidades), são reunidos e realizam encontros ao som de tambores, alfaias, ganzares e xequerês, proporcionando vivências singulares, cada um ao seu modo, aos integrantes, mas também, aos que dançam e apreciam o cenário cultural destas cidades.

A pesquisa teve como objetivo geral identificar os grupos de Maracatu na cidade de Campina Grande-PB (de percussão e/ou dança). Quanto aos objetivos específicos: compreender os sentidos e significados do maracatu para os grupos a partir de seus representantes, bem como, apresentar formas de resistências dos grupos de maracatu em Campina Grande-PB. Nesse contexto, o estudo apresenta as seguintes questões de estudo: Como surgiram grupos de maracatu, na cidade de Campina Grande-PB? Quais os sentidos e significados do maracatu para os grupos? Qual o papel da dança na vivência do maracatu. Assim surgiram os objetivos específicos

A relevância da pesquisa inicialmente se trata da identificação e conhecimento sobre os grupos de Maracatu, em Campina Grande-PB, no sentido de compreender o sentido e significado de sua manifestação na cidade, além disso, o estudo torna-se um registro relevante para a memória do maracatu em Campina Grande-PB, ao mesmo tempo em que dá visibilidade aos grupos de maracatu existentes na cidade, de forma que pessoas e instituições possam conhecer suas atividades, ao mesmo tempo, em que o estudo reconhece nos mesmos um acervo histórico e de memórias do maracatu nessa cidade.

Outro destaque, é a relevância desse estudo para a escola, dando voz e visibilidade com sua publicação, para o trato das danças de matrizes africanas, por acreditar ser urgente reconhecer e abordar a contribuição dos povos africanos e dos afrodescendentes na formação da sociedade brasileira, para a cultura do Brasil, através de suas danças afro-brasileiras, como conhecimento e herança cultural de nossos ancestrais, no sentido de valorização da história africana a partir dos grupos locais que representam a cultura afro-brasileira.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Maracatu: história de resistência do nordeste brasileiro

O Maracatu é considerado uma manifestação cultural, popular e regional composta por música, dança e outros elementos culturais trazidos por escravizados do continente africano. A palavra “Maracatu” possui origens nos termos “maracá”, que significa um instrumento de percussão indígena, e “catu” que na língua Tupi, significa bom e/ou bonito. Foi durante o período do Brasil colônia no século XVIII, no estado de Pernambuco mais precisamente na cidade de Nazaré da Mata, onde ficou conhecida como a “Terra do Maracatu”. Em outras cidades, como Olinda e Recife, o Maracatu está presente por suas ruas, onde no carnaval, exalta-se essa manifestação dando maior visibilidade a mesma, considerando o turismo (Pérez Gomes, 1992)

A Zona da Mata Norte, assim como muitas regiões no Brasil, teve muitos territórios invadidos para exploração da monocultura da cana-de-açúcar e construção de engenhos. Com isso, muitos dos cortadores da cana, negros e indígenas, foram explorados como mão de obra escravizada, base do sistema colonial. No Inventário Nacional de Referências Culturais do Maracatu de Baque Solto (2013), aponta que

o maracatu de baque solto, também conhecido como maracatu rural ou de orquestra, é um folguedo originado na região da Zona da Mata Norte de Pernambuco, e a partir dessa região que se expande para outros lugares. Nessa brincadeira existem figuras ou personagens, os quais representam elementos culturais que resultam dos "cultos aos Orixás, mestres do Catimbó e caboclos da Jurema.

Os registros históricos de quais povos indígenas habitavam nesta região dificilmente são obtidos, considerando que muitos desses povos fugiram para os sertões, devido à invasão de suas terras. Outro motivo para a dispersão desses povos foi a implantação das missões religiosas católicas romanas. Esse fato é interpretado pelo autor como resultado dos processos consequentes da colonização, aculturação, mestiçagem e, sobretudo do movimento: dos povos originários que sobreviveram e foram viver na região Nordeste e deixaram de falar suas línguas, para se preservarem, física e culturalmente. Começaram a se dizerem e se chamarem de caboclos. Estes caboclos já não falavam sua língua em público, e vinham se mesclando com outros grupos, também desclassificados socialmente, como os negros e os brancos pobres (Silva, 2011).

Acredita-se que na maioria dos estados do Nordeste brasileiro, existam conflitos acerca dos folguedos de Maracatu, por essa razão ao reconhecer tais conflitos, a população nordestina considera esse movimento como uma “dança sufocante”, por assim dizer, pela sua trajetória de resistência e de tradição indígena e negra. Dessa maneira, segundo Esteves (2017, p.118),

o Maracatu de baque solto - para além da relação sinestésica de universo sagrado e da trajetória de violência física que acompanhou esta tradição – parece ser “pesado” em outros sentidos. Não se compreende, enfim, que algumas destas práticas e representações apontam para o fato de que esta expressão está relacionada a um contexto ritual, social e econômico diferente e possui um complexo sistema simbólico, regimes de conhecimento, relações

de reciprocidade, práticas, relações com o sagrado, formas de organização, dentre outros aspectos de algum modo não se adequam aos padrões hegemônicos aos quais procura-se interpretá-los e submetê-los.

Chaves (2018, p.53) trata que o maracatu de Baque Solto possui uma diversidade de personagens: Mateus, Catirina ou Catita, a burra, e os caboclos no entorno. Aborda ainda que o chamado miolo do Maracatu (parte que fica mais protegida pelas trincheiras de caboclo) é constituído pela bandeira, a calunga, a corte, o pátio, os escravos e as baianas. Atrás tem-se a presença do terno e do mestre de apito. Porém, destaca que tais personagens e elementos simbólicos podem estar presente ou ausente, dependendo de cada grupo.

Corroborando com a autora acima citada, o estudo de Jesus (2015), aponta que o grupo Nação de Maracatu Pé de Elefante, do estado da Paraíba, traz em sua identidade estética, representada nos cortejos a coroação dos Reis e Rainhas do congo, calungas, catirinas, damas do passo, palios, escravos e brincantes. Os autores destacam que mesmo havendo similaridades nas nações de Maracatu, cada grupo de maracatu irá trazer sua singularidade, podendo ser no uso de instrumentos percussivos, bem como, na movimentação de seus brincantes e personagens.

O Maracatu é o sinal deixado do antigo sangue do negro, que acompanhava reis de congo, eleitos pelos escravos para coroação nas igrejas e posterior batuque em homenagem à padroeira dos pretos Nossa Senhora do Rosário (Real, 2014). Hoje, com caráter sagrado, o cortejo dirigiu-se para o carnaval, convertendo os elementos simbólicos da coroação do rei e da rainha. A rainha é uma referência a Nzinga Nbandi (cujo nome de batismo brasileiro é Ana de Souza), que era uma célebre rainha de congo que junto as suas duas irmãs, combateram os colonizadores portugueses (Silva, 2016).

Na Paraíba, existe a Nação de Maracatu Pé de Elefante teatraliza em suas apresentações e cortejos com representações de coroação dos Reis e Rainhas do congo, com calungas, catirinas, damas do passo, palios, escravos e brincantes. Apesar da semelhança em comum em todas as nações de Maracatu, cada grupo guarda suas particularidades, que podem ser em instrumentos percussivos ou na movimentação de seus brincantes e personagens. (Jesus, 2015, p. 9)

O momento de performance de Maracatu funciona como uma forma de resistência da cultura negra e essa reafirmação da identidade negra ocorre de diversas formas através de estandartes e roupas. Em Pernambuco, os brincantes de Maracatu saem para festejos sem pinturas faciais porque a questão do ser negro não é ter somente a pele do rosto escurecida, mas sim de carregar no íntimo de tudo aquilo que está e é relacionado com o sentimento e as atitudes psicológicas e valores do negro. Já na Paraíba, o culto ao Maracatu é diferente, porque alguns dos grupos que existem no estado – sejam eles de cultura popular ou de batuque -, utilizam o método de pintura facial para mostrar e repassar toda a questão de ancestralidade e descendência de pessoas negras e indígenas.

Nas manifestações de Maracatu participam várias pessoas de diferentes gêneros e idades, de diferentes bairros das cidades de João Pessoa e Campina Grande. Já em termos de números de participantes, depende de cada grupo e das condições financeiras

deles, pois exige ter um financiamento para poder assegurar as despesas. Há alguns grupos que chegam a ter em média de cem a duzentos participantes no desfile de carnaval, o que demonstra a grande repercussão do Maracatu no estado da Paraíba, ou seja, houve um alcance de maior visibilidade cultural e artística voltada totalmente para os grupos que desfilaram.

2.1.1 Maracatu Nação e Rural

De acordo com Pérez Gomez (1992), a cultura se constitui como um conjunto de significados, expectativas e comportamentos compartilhados por um determinado grupo social, o qual facilita e ordena, limita e potencializa os intercâmbios sociais, as produções simbólicas e materiais e as realizações individuais e coletivas dentro de um marco espacial e temporal determinado. A cultura, portanto, é o resultado da construção social, contingente às condições materiais, sociais e espirituais que dominam um espaço e um tempo.

Não há registro específico sobre o início do maracatu, mas especula-se que tenha surgido no ano de 1711, em Pernambuco. O Maracatu Nação Elefante é um dos mais antigos, fundado em Recife no ano de 1800, ele foi criado e fundado por Manuel Santiago, que foi reconhecido pela sua luta de combate à escravidão, e deu esse nome para a Nação como uma forma de homenagear o animal que, para os adeptos do candomblé, é protegido por Oxalá, um orixá associado à criação do mundo e da espécie humana.(Jesus, 2015).

Um conceito importante sobre o maracatu é o conceito de nação, ou seja, “nação” era uma palavra utilizada por traficantes de escravos no contexto de país ou reino, era utilizada ao se referir ao um grupo populacional pertencente a uma região que possuísse uma identidade coletiva na África Ocidental, os grupos ou nações participavam para abrilhantar as festas da coroação, utilizando instrumentos próprios e entoando canções africanas ou africanizadas (Pereira, 2015).

É importante ressaltar que, o Maracatu Nação, também conhecido como maracatu de baque virado, é uma manifestação artística da cultura popular e carnavalesca que da Região Metropolitana do Recife em que um cortejo real desfila pelas ruas, acompanhado de um conjunto musical percussivo. (Lima, 2014 apud Lima 2019). O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), compreende que o valor patrimonial do Maracatu Nação reside em sua capacidade de comunicar elementos da cultura brasileira e carregar elementos essenciais para a memória, a identidade e a formação da população afro-brasileira. Entendido como uma forma de expressão que congrega relações comunitárias, o Maracatu Nação permite o compartilhamento de práticas, memórias e fortes vínculos com o sagrado, evidenciadas por meio da relação desses grupos com os orixás e a Jurema Sagrada¹, podendo ainda remontar às antigas coroações de reis e rainhas congo.

O maracatu-nação pode ser definido como uma manifestação cultural dotada de elementos diversos. Dispõe de dança, canto, fantasias e estilo musical próprio. Uma

1 Jurema Sagrada: Religião afro-indígena brasileira, que dispõe da bebida feita da folha de Jurema para rituais que conectam o ser humano com seus ancestrais e/ou antepassados.

melhor definição pode ser tomada pelo aspecto de que a palavra ‘maracatu’ serve tanto para nomear a música feita por essa manifestação, bem como para a dança e o cortejo propriamente dito. (Inventário Nacional de Referências Culturais do Maracatu Nação, 2013)

Viana (2000), trata que o Maracatu de Baque Virado ou Maracatu Nação, é uma manifestação popular da cultura brasileira, urbana, de forte cunho religioso e de origem escrava, sob a qual os escravos trazidos da África, na tentativa de manter suas origens religiosas, realizavam seus cultos e cerimônias. Tornou-se uma cultura popular de resistência afrodescendente, surgida no final do século XIX, sendo ainda hoje uma manifestação que reconhece na Música o principal veículo de comunicação da história oral brasileira. Além disso, é o tipo mais antigo e se caracteriza pela representação de um cortejo real junto a um grupo percussivo. Elementos mágicos e religiosos da cultura pernambucana compõem esse tipo de maracatu. Religiões de terreiro, como candomblé², jurema e umbanda³, estão relacionadas a essa expressão. O sentido das nações se refere à forma como os escravizados se organizavam ou eram organizados pelas autoridades coloniais. O nome da nação possui relação com a procedência de seus membros, por exemplo, a nação cabinda e angola.

Os cortejos do Maracatu Nação apresentam uma maneira de refletir as antigas cortes africanas. Ao serem vendidos como escravos, os negros trouxeram para o Brasil suas raízes. O maracatu, portanto, reúne elementos não só da cultura africana, bem como portuguesa e indígena. Segundo Mendonça (2019), os personagens de destaque são o rei e a rainha, representando a nobreza da nação e o cortejo é composto por uma bandeira ou estandarte, com o nome da nação, abrindo alas. A dama do paço, que carrega a calunga, segue logo atrás, representando todas as entidades espirituais do grupo. E atrás delas seguem as yabás, chamadas popularmente de baianas e, além delas, seguem em cada lado as catirinas (escravas), normalmente jovens, usando vestidos de chitão.

O Maracatu de Baque Solto é uma expressão cultural também conhecida por Maracatu de orquestra, de trombone, de baque singelo ou Maracatu Rural. É uma brincadeira popular e compõe-se por dança, música e poesia, e está associado ao ciclo canavieiro da Zona da Mata Norte de Pernambuco, especialmente e às áreas sob sua influência cultural, seu movimento coreográfico surge uma dança que evoca o combate, e ao mesmo tempo relembra os movimentos dos trabalhadores nos canaviais.

Para Real (1967) apud Lima (2019), entre todos os folguedos que percorrem as ruas do Recife e os morros e córregos do subúrbio, em época de carnaval, um dos mais emblemáticos é o Maracatu Rural, também denominado de Maracatu de orquestra ou Maracatu de Baque-Solto. De todos estes folguedos têm sido, não somente o menos estudado, como também o menos compreendido. É até estranha a sua existência no Recife, durante várias décadas, numa penumbra de mistério, quase desinteresse por parte de alguns e crítica violenta por parte de outros. A autora ainda atribui o

2 Candomblé: Religião afro-brasileira que cultua os orixás e os reverencia por meios das danças, oferendas e cantos.

3 Umbanda: Religião afro-brasileira que tem 3 conceitos fundamentais: Luz, Caridade e Amor. Suas crenças têm elementos de várias religiões como candomblé, espiritismo e catolicismo.

surgimento dos maracatus de baque solto ao entrelaçamento de elementos de folguedos populares (pastoril e baianas, cavalo-marinho, caboclinhos e folia de Reis), iniciados pelo interior Pernambucano, e posteriormente na cidade do Recife.

Se o maracatu, prestes a extinguir-se pelo seu arrefecimento, uma vez que não existem mais africanos, e os seus descendentes procuram de preferência imitar a sociedade da gente branca, celebrando as suas festas íntimas com reuniões dançantes segundo os moldes usados; se o maracatu, portanto, já rareando, modestamente aparece somente nas folias carnavalescas, e bem próxima ainda, em que se exhibia em número avultado, mais ou menos bem organizados, ostentando mesmo alguns aparatos, as galas e com um luxo tal que o seu arranjo complexo representava, relativamente, avultada quantia. A tradição, enquanto conceito, não pode ser vista distante de quem a faz, imutável e cristalizada para servir de guia aos homens e mulheres que fazem e refazem os seus costumes, adaptando-os em meio às dificuldades.” (Costa, 1974 apud Lima, 2019, p. 216)

O Maracatu Rural é constituído, predominantemente, por trabalhadores rurais, pessoas simples, que usam de suas mãos na lavoura da terra, da cana-de-açúcar e também as utilizam para bordar suas vestimentas do caboclo e enfeitar guiadas, relhos e chapéus. De forma, a fazer e viver a cultura. Entre os diversos personagens de Maracatu temos o *arreamá*, que é o índio do maracatu, tem as penas dos pássaros para mostrar a sua ligação com a natureza, trata Vicente (2015). De acordo com Medeiros (2015), o maracatu rural significa para seus integrantes uma herança secular de descendência de ex-escravos indígena, conhecidos como caboclos, da qual se orgulham. Para eles, essa manifestação cultural é uma visão do mundo canavieiro e um produto da luta de classes existentes em Pernambuco. Para o autor, o maracatu rural vem transformando-se mais numa experiência turística do que uma manifestação espontânea.

Além desse personagem, alguns maracatus rurais também contam com rei, rainha e princesas: uma corte, que retrata a influência europeia. Já a dama de passo, que caminha na frente, leva uma boneca negra: a calunga, uma protetora, ligada ao candomblé, uma religião de origem africana, e por fim, tem a catita que é sempre interpretada por um homem fantasiado de mulher.

2.1.2 A religiosidade no Maracatu: a dança e a música.

O maracatu foi apresentado pelos negros escravizados que vieram do continente africano, durante o período de invasão do país que, segundo Afonso (2013), dentre as diferentes tradições culturais de pluralidades étnicas trazidas para o Brasil, uma delas foi parte da cultura do Congo na coroação dos reis e rainhas, através de danças e referenciando à religiosidade, às guerras e às festas da coletividade. Posteriormente, passou a configurar-se um distanciamento de práticas originárias, da tradição das coroações do Congo e surgindo uma miscigenação de elementos culturais diferentes.

Segundo Cavalcanti (2008), o maracatu é religiosidade em essência, pois ele emerge do candomblé, nascendo e pertencendo nos/aos terreiros. Daí, a proximidade ou pertencimento da sede dos grupos de Maracatu, principalmente os de Pernambuco, nos terreiros de Candomblé e/ou Umbanda. Essa característica dá ao movimento a marca do

axé⁴ e resistência, considerando as repressões às religiões afro-brasileiras e indígenas na história do Brasil, onde perseguições ainda não são atuais e não se extinguíram, infelizmente. A dimensão da espiritualidade está imbricada à manifestação do maracatu e pertencente às religiões de matriz africana. O sobrenatural está presente nessas religiões, em que entidades protetoras são invocadas nos rituais de Umbanda e Candomblé. O sentido/significado é trazer aos brincantes do Maracatu sucesso em suas andanças. Por exemplo, a boneca é calçada, ou seja, é consagrada, batizada com rezas e defumadores e caboclos desfilam atuados. Dessa forma, são protegidos pelo culto à jurema ou semelhantes.

Afirma Peixe (1914) apud Lima (2019), que baque é sinônimo de toque onde nos Maracatus-nação ou tradicionais dá-se os nomes de “toque virado ou baque virado”, já nos Maracatus-rurais ocorre os chamados “toques ou baques soltos”. Até esse ponto já se pode afirmar que existem várias diferenças entre os dois tipos de maracatu, além da localização e vestimentas, os elementos que os compõem são basicamente os instrumentos e as letras das músicas ou loas, como geralmente são chamadas (um tipo tem mais preferência para toques de orixás e outro para caboclos e mestres).

Para Lélis (2004), o Maracatu nação ou de baque virado é ligado ao Candomblé e aos orixás. As ialorixás e/ou mães de santo são mulheres, lideranças na comunidade onde vivem. Destaca a autora, a complexidade dos elementos sagrados que compõem a tradição do maracatu nação. A calunga, boneca que marca os cortejos de maracatu nação, sempre consagrada, possui conexão e significados da ancestralidade negra.

Para essa autora, a dança está atrelada à religiosidade e à ancestralidade nas memórias de povos indígenas, quilombolas, que mantêm as tradições e compreendem as memórias como sabedoria. De um modo geral, os cortejos e desfiles das nações, possuem mesmos fundamentos. Porém, os cortejos atuais apresentam diversificam quantitativamente figuras, quando uma nação ou grupo de Maracatu durante os desfiles na avenida. O baque vem na frente, estaciona em frente aos jurados e o cortejo passa. Sendo esta a representação dos manifestantes de maracatu, considerando como um sinal de respeito e devoção aos ancestrais (escravos, baianas e a corte real).

Geralmente a dança, vem nas alas de escravos e catirinas do desfile, suas vestes são de escravos trabalhadores de lavouras, escravas domésticas, e desenvolvem uma coreografia com passos de dança afro-brasileira. Uma outra ala é a dos caboclos, que geralmente se vestem como indígenas e carregam arco e flecha nas mãos. Em versões atuais, os caboclos movimentam-se em danças próprias de caboclinhos (outra manifestação cultural e popular de Pernambuco), trazendo também sentidos espirituais e religiosas.

As damas do passo são figuras emblemáticas de ancestralidade e religiosidade. Suas calungas ou bonecas são parte da tradição. Acredita-se que a boneca posta nas mãos dançantes atrai fluídos positivos do universo e expandindo-os aos integrantes do cortejo. Daí, a boneca ficar indo e voltando no cortejo, como um personagem dançante livre de coreografias. Segundo Mendonça (2019), a dança traz a tradição de ser conduzida por três calungas, bonecas negras, feitas em madeiras, com vestimentas

4 Axé: Equivale ao “amém” utilizado na religião cristã. Neste caso, o axé pode ser representado pelas energias espirituais.

elaboradas e são carregadas pelas baianas. No maracatu elefante, as bonecas recebem o nome de Dona Leopoldina, Dom Luís e Dona Emília, representando respectivamente *Iansã*, *Xangô* e *Oxum*.⁵

O maracatu é formado pela música popular brasileira, movimentos dançantes e elementos de referência a cultos religiosos. Os figurinos utilizados pelos praticantes remetem às culturas africana, indígena e portuguesa. A manifestação se diferencia em dois tipos de celebração, sendo eles o maracatu nação ou de baque virado e o maracatu rural ou de baque solto.

O mestre do Maracatu Encanto da Alegria, Anderson Santos (2018), enfatiza que a dimensão da religiosidade deve estar presente nas loas⁶, figurinos e personagens. Geralmente os grupos de Nação fazem uma preparação antes de suas apresentações, cerimônias religiosas, restritas aos simpatizantes, frequentadores ou iniciados da religião, que fazem suas oferendas e obrigações para as três alfaias mestras e para as calungas que, por sua vez, são banhadas com ervas. Vários dos temas das cantorias possuem elementos de exaltação religiosa. Instrumentos como o Gonguê, Agbê, Alfaia, Timbal, Caixa e Ganzar⁷ são dotados de elemento sagrado. O simbolismo do gonguê é executar toques sacramentais em terreiros. O agbê ou xequerê, em forma de cabaça, revela o som do afoxé. As alfaias, utilizadas em maracatu do baque virado têm função semelhante aos surdos. O timbal tem atribuição no terreiro de chamar os santos em terra. A caixa de guerra, instrumento muito utilizado em bandas marciais e movimentos militares, passou a compor o samba e o maracatu para puxar o som das alfaias. O ganzar ou mineiro tem origem no som feito pelo agbê, mas sua tocada é mais rápida.

5 Iansã, Xangô e Oxum: Orixás cultuados no Camdomblé e na Umbanda que podem representar o fogo, o ar e as águas doces.

6 Loas: Para brincantes e manifestantes de Maracatu esse termo é utilizado para o ressignificar as palavras: músicas e letras.

7 Gonguê, Agbê, Alfaia, Timbal, Caixa e Ganzar: Instrumentos percussivos fundamentais para o Maracatu-Nação.

3 MATERIAIS E MÉTODOS

3.1 Caracterização da Pesquisa

A pesquisa, de natureza qualitativa, caracterizou-se como sendo uma pesquisa de campo, uma vez que, conforme Gonsalvez (2001, p. 67), esse tipo de pesquisa pretende buscar a informação diretamente com a população pesquisada, então ela exige do pesquisador um encontro com o grupo pesquisado. Dessa forma, a adequação por este tipo de pesquisa se dá na possibilidade, junto aos grupos pesquisados, de compreender os diversos aspectos que circundam a vivência do maracatu, em Campina Grande-PB, de forma a obter informações e/ou conhecimentos acerca de um problema e descobrir novos fenômenos e suas relações.

A escolha por este método de pesquisa se justifica, sobretudo, pela necessidade de investigar e entender os grupos de Maracatu, em Campina Grande, que tragam a dança e as principais representações que constituem a memória deste movimento cultural, em Campina Grande. Porém, na cidade Campina Grande não é comum grupos de maracatu como os de quadrilha, por exemplo. Nesse sentido, a pesquisa recorrerá a técnica snowball (bola de neve) para acessar os brincantes/dançantes/grupos de maracatu em Campina Grande-PB. Essa técnica de amostragem, de acordo com Vinuto (2014), é utilizada quando pessoas ou grupos são difíceis de serem estudados ou acessados ou ainda quando não se tem conhecimento do universo da pesquisa.

3.1.1 População e amostra

A população alvo deste estudo foi constituída pelos grupos de Maracatu de percussão e/ou dança com representações de cortejo existente em Campina Grande. Considerando a amostragem pela técnica bola de neve, a amostra foi definida pelas indicações dos pares dos brincantes e dançantes do maracatu, em diferentes atribuições na vivência com o maracatu (coordenadores e/ou diretores, integrantes de cada grupo identificado pelo estudo).

Como trata Vinuto (2014), a técnica de amostragem denominada bola de neve na pesquisa qualitativa é considerada uma forma não probabilística que se utiliza de redes de referência, indicações e pares para constituir-se. A amostra em bola de neve tem sido

bastante utilizada em pesquisas qualitativas, considerando seu acesso à populações pouco conhecidas ou de maior complexidade para acessar.

3.1.2 Critérios de inclusão e exclusão

Maiores de 18 anos de idade, que atuam ou atuaram em grupo de Maracatu, seja dançante, percussionista, outras atribuições no Grupo. Critérios de exclusão: representantes de grupos de maracatu pertencentes a outras cidades da Paraíba, grupos desfeitos e discordância com os termos éticos da pesquisa.

3.1.2.1 Instrumento de produção de dados

O instrumento de coleta foi a entrevista semi-estruturada gravada e realizada com os participantes da pesquisa na presença de um dos pesquisadores. A escolha desse tipo de entrevista justifica-se pelas questões de políticas, histórias e religiosidade, com a possibilidade de o participante trazer dados relevantes para a pesquisa, com narrativas que não foram indagadas pelo entrevistador. Portanto, a entrevista semi-estruturada caracteriza-se pela organização aberta e flexível de um conjunto de perguntas registradas pelo entrevistador/pesquisador. As imagens presentes na pesquisa podem ser encontradas em acervos de mídia digital de todos os grupos, mas também foram autorizadas pelos participantes da pesquisa.

As imagens presentes no estudo foram cedidas pelos participantes representantes dos grupos e/ou retiradas do perfil público (nas redes sociais) de cada grupo de maracatu.

3.2.1.1 Procedimento de coleta de dados

O início da coleta de dados teve como ponto de partida o Grupo de Maracatu Baque Mulher, considerando a acessibilidade. Membros deste grupo indicaram nomes de pessoas e grupos que vivenciam o maracatu em seu cotidiano, em Campina Grande-PB. Com base na técnica bola de neve, a pesquisa mapeou, pela rede de grupos/pessoas, os grupos de maracatu, até que os nomes de pessoas e grupos começassem a se repetir entre as referências indicadas pelos pares, sinalizando assim, o corte amostral.

Em cada identificação de grupos de maracatu buscou-se referência de outros nomes relevantes, representativos do grupo, bem como, informações para contato (telefone, endereço, local de encontro de vivência do maracatu). Em cada contato realizado buscou-se agendar a entrevista de acordo com a disponibilidade do participante da pesquisa.

Antes de iniciar a entrevista, a pesquisadora apresentou os termos para obtenção de assinatura do participante. A entrevista foi gravada e realizada no local e horário de preferência do entrevistado(a). O entrevistador realizou a entrevista num espaço sem trânsito de pessoas, evitando barulhos próximos, para garantir uma boa captura da voz do entrevistado. Ao final, o pesquisador disponibilizou aos participantes a entrevista, digitada, na íntegra e *ipsis litteris*, para dar ciência e obter a autorização do que foi dito.

3.2.1.1.1 Processamento e análise de dados

1ª etapa: Consistiu na transcrição das entrevistas *ipsis litteris*, sem quaisquer correções de pronúncia, concordância nominal ou verbal. Foram atribuídos nomes fictícios para identificar aos dados captados pela entrevista e se referir ao participante na pesquisa.

2ª etapa: Foram identificadas e organizadas as categorias temáticas a partir do roteiro de entrevista. As categorias são os eixos centrais investigados pela pesquisa. Nessa fase, destacam-se narrativas expressivas, contundentes dos participantes, no sentido de dar ênfase à questão a ser refletida.

3ª etapa: A análise e interpretação dos dados consistiram na busca de respostas às problemáticas e responder aos objetivos da pesquisa. Nessa fase, recorre-se aos estudos já realizados, bem como, a leitura crítica do pesquisador tanto para os dados obtidos como para os seus interlocutores.

3.2.1.1.1.1 Aspectos éticos

O estudo baseou-se na legislação vigente, de forma que foi submetido e apreciado pelo Comitê de Ética de Pesquisa. Considerando as normas e diretrizes

oriundas das resoluções de números 466, 510 e 001 da CONEP/CNS/MS (2012, 2015 e 2013), e das demais normas complementares e orientações para pesquisas com seres humanos, sob o número do CCAE 69553423.0.0000.5187.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A etapa de apresentação e discussão dos dados da pesquisa está organizada em categorias temáticas, contendo subcategorias definidas à priori.

Foram mapeados quatro grupos de maracatu em Campina Grande. No entanto, um deles não está ativo, por isso não compõe o *corpus* da pesquisa. Dessa forma, foram identificados os seguintes grupos de Maracatu: Baque Mulher, Batuque Nagô e Maracagrande, apresentados por ordem alfabética.

Dentre os participantes, nomeados de Batuqueiros utilizando-se da expressão dada aos brincantes de Maracatu, dois são do sexo masculino e uma do sexo feminino, com média de idade entre 21 anos a 40 anos de idade.

Percebe-se algo que persiste no Brasil, estados e municípios, considerando as narrativas dos participantes dos grupos de Maracatu. Especificamente do Baque Mulher e Batuque Nagô, a ausência de políticas públicas de Estado para garantir a produção, a continuidade e manutenção dos bens culturais, especialmente os da cultura popular, como é o caso dos grupos de Maracatu. A diferença, nesse quesito, entre os dois grupos seria o apoio e auxílio de órgãos pois o Batuque Nagô recebe apoio da Associação de Juventudes, Cultura e Cidadania (AJURCC). O grupo foi fundado em 2017 e no início só tinha auxílio e apoio do grupo Maracagrande, já que seu fundador era um dos membros do grupo.

4.1 Memórias de Grupos de Maracatu em Campina Grande

Baque Mulher

É um grupo de maracatu integrado apenas por mulheres, na faixa etária entre 18 e 32 anos, independentemente de classe sócio-econômica, orientação sexual ou religiosidade, de acordo com a Batuqueira ⁸¹ do estudo. Fundado, pela Mestra Joana Cavalcanti, o Baque Mulher é definido pela entrevistada como um movimento de empoderamento feminino, criado na cidade de Recife – PE, desde o ano de 2008. Esse grupo chegou em Campina Grande – PB no final do ano de 2021, trazido por Cristina

8 Nome dado aos integrantes de grupos de maracatu/percussão.

(ou também conhecida como Tia Cris), primeira diretora e coordenadora da filial da cidade. O grupo tem a Nação de Maracatu Encanto do Pina como representação, religiosa, artística e cultural, dentro do Baque Mulher essa nação é representada com as loas e suas menções as yabás: Yemonjá e Osún “Chegou meu Baque que vem lá do Pina, trazendo a força de Mãe Yemonjá” que são as orixás mais “cultuadas” por esta nação. “Movimento social formado apenas e para mulheres, sejam elas cis ou trans. Mulheres entre 18 e 32 anos podem ingressar no grupo, sejam elas de comunidades, periferias ou estudantes” (Batuqueira 1).

De acordo com a Batuqueira 1, o Baque Mulher, para a formação inicial, em Campina Grande, convidou mulheres que já tinham experiência em percussão. Depois, foram acontecendo oficinas e chamadas para novas integrantes nas redes sociais. Atualmente, a filial de Campina Grande conta com a colaboração e participação de 22 mulheres batuqueiras ativas e 9 inativas.

Imagem 1 – Fundadora da Filial do Baque Mulher Campina Grande: Cristina



Fonte: Acervo de mídias digitais do grupo

Imagem 2 – Atual Coordenadora do Baque Mulher Campina Grande: Cecília



Fonte: Acervo de mídias digitais do grupo

Batuque Nagô

O Grupo surgiu no ano de 2017 na cidade de Campina Grande – PB, através do diretor e fundador José Luan da Costa Medeiros, apenas com alguns instrumentos percussivos e integrantes que participavam de outros grupos da cidade. Os primeiros encontros aconteciam no bairro Bodocongô (próximo ao açude) e eram realizadas oficinas para aprender outros ritmos além do Maracatu como, coco de roda, samba e

ciranda, até que se afunilou e ficou conhecido apenas como um grupo de percussão em Maracatu. Atualmente o grupo conta com a participação ativa de 35 batuqueiros e batuqueiras e 7 participantes inativos.

Assim como o restante dos grupos de Maracatu da cidade, o grupo não é uma nação, mas tem alguns ideais da Nação Nagô (origem iorubá). O grupo acolhe e é composto por pessoas de vários bairros e comunidades diferentes da cidade, estudantes e dançarinos populares.

Imagem 3 – Diretor e Fundador do grupo Batuque Nagô: Luan



Fonte: Acervo de mídias digitais do grupo

Imagem 4 – Coordenador e Diretor do grupo em seu aniversário: Danilo e Luan



Fonte: Acervo de mídias digitais do grupo.

Maracagrande

O grupo surgiu no dia 20 de novembro de 2009, com a ideia que iria se tornar um baluarte de resistência cultural afro-indígena brasileira na cidade de Campina Grande. O objetivo principal no surgimento era montar um grupo de percussão para difundir a cultura afro-indígena, que, mesmo sem apoio de muitos percussionistas recebeu um grande apoio por parte de seus amigos(as), a compra de instrumentos para o grupo na época foi feita após a inscrição e aprovação no edital “Prêmio Mais Cultura no Semiárido. Desse dia em diante, o grupo se mantém na tarefa de tornar a Rainha da

Borborema um local cada vez mais diversos, exaltando não apenas a cultura afro, como também erguendo o nome dos povos nativos da região. Atualmente, o grupo conta com 20 participantes e batuqueiros ativos.

Imagem 5 – Batuque na Praça da Bandeira



Fonte: Acervo de Mídias digitais do grupo.

Imagem 6 – Diretor e coordenador atual do Maracagrande: Thiago Tarta



Fonte: Acervo de Mídias Digitais do grupo.

4.1.1 Percussão, Danças e Religiosidade

Os resultados desta categoria temática foram reunidos pelas subcategorias definidas à priori pelo estudo. São elas 1. percussão e musicalidade, danças e seus estilos associados e a dimensão da religiosidade.

No **Baque Mulher** existe uma área percussiva e a ala de dança ainda em processo de organização e formação. Como o Maracatu é uma tradição que vem de dentro dos terreiros, então o outro estilo de dança que é utilizado são as danças de orixás e danças afro. Para a Batuqueira do Baque Mulher, sabe-se que o Maracatu está

vinculado à religião de matriz africana. No entanto, afirma que as mulheres que integram o grupo não possuem a obrigação de seguir a essa matriz religiosa, porém destaca a necessidade de respeitar e entender o movimento e a relação do mesmo com a religião da cultura afro-brasileira.

Imagem 7 – Percussão Baque Mulher e Intervenção popular.



Fonte: Acervo de mídias digitais do Baque Mulher

A forma como a mestra escolheu para representar o grupo de forma religiosa e guerreira foi a de usar as Orixás: Oyá, Obá, Oxum e Yemanjá, isso reflete muito nas alas de dança do grupo também, que além dos passos comuns de Maracatu, também serão utilizados os passos de dança comumente utilizados pelos orixás nas casas de axé.

Imagem 8 – Primeira oficina de Dança do Batuque Nagô



Fonte: Acervo digital Batuque Nagô

No **Batuque Nagô**, existe uma ala inteiramente para voltada para percussão, a ala de dança estava em processo de formação e foi inaugurada durante a abertura de São João da cidade. Para o Batuqueiro 2, a ideia no início era um laboratório de ritmos. Atualmente o grupo só tem e apresenta um estilo de dança, que é a dança de cultuado em terreiros e a dança afro, mas temos planos de colocar também o coco de roda e samba de roda, além do Maracatu, como mostra a imagem.

No Batuque Nagô, o acolhimento dos mais distintos públicos para participar do grupo requer deste que “respeite a nossa tradição, manifestação e religiosidade” (Batuqueiro 2). Para ele, o grupo tem ideais de terreiros, no entanto, seus integrantes não possuem a obrigatoriedade de estar vinculados, “não há prerrogativas de crenças, a única coisa que o grupo presa é o respeito pela diversidade”. Observa-se o acolhimento às pessoas com diferentes credos e religiões, por parte do participante do estudo. No entanto, a intolerância às religiões de matrizes africanas ainda é uma realidade no Brasil, considerando o discurso imperativo das religiões com base no cristianismo e eurocentrismo.

A estética do grupo é interligada ao culto Iorubá⁹ e ao grupo étnico africano nagô¹⁰, que tiveram um impacto significativo na cultura brasileira e trouxeram suas tradições religiosas, músicas, culinárias e técnicas de artesanato. O grupo Batuque Nagô utiliza de representações características desses povos em suas loas (músicas), ao usarem guias simbólicas, vestes brancas comuns de serem vistas por povos de terreiro e a utilização de acessórios como turbantes ou panos de cabeça, como destaca a imagem 9.

9 Culto Iorubá: Configura-se como uma cultura significativa do Continente Africano, que se alastrou ao longo do Rio Níger.

10 Nagô: Significa aquele que cultua os orixás.

Imagem 9 - Primeira apresentação com dança do Batuque Nagô



Fonte: Acervo digital do Batuque Nagô

No **Maracagrande** não existe uma ala de dança ou um planejamento futuro para que ela aconteça, os batuqueiros apenas se reúnem e quando fazem suas apresentações e cortejos quem quiser dançar dança ou chama um determinado grupo de cultura popular da cidade.

Segundo o Batuqueiro 3, da mesma forma que quem integrar no grupo “queira tocar tambor e fazer barulho” também poderá ser bem-vindo para levar novas ideias ao grupo e se forem aprovadas por todos os integrantes poderá ser realizada. Quanto aos estilos de percussão que este grupo toca varia muito, já que se trata de um grupo percussivo afro-indígena brasileiro, ou seja, podem ser escutados e dançados coco batido, coco de roda, ciranda, maracatu, entre outros.

Imagem 10 – Aniversário de nove anos do Maracagrande



Fonte: Acervo digital Maracagrande

Percebe-se com o estudo, que a dimensão da religiosidade em Campina Grande, possui grande resistência à religião de Candomblé, Umbanda e Jurema. Para o participante do estudo, isso deve-se a sua origem e herança de povos pretos, descendentes de escravos, de quilombolas, pela singularidade do rito com batuques que se diferenciam dos ritos do cristianismo. Enfatiza ainda que as religiões de matriz africana são importantes para formar o Maracatu, pois é a forma como os ancestrais desses povos encontraram de chamar a atenção do público para ocuparem seus lugares enquanto cidadãos e enquanto brincantes culturais.

Nas três representações dos grupos de maracatu foi recorrente o acolhimento de todas as pessoas, independentemente de cor e religião para integrar cada grupo, desde que o respeito esteja presente. Outra recorrência a destacar é a intolerância religiosa e o racismo. Nesse sentido, o estudo aponta a urgência do trato do conhecimento do maracatu e outras de matriz africana, considerando a lei 11.645/08 que determina, no sentido de que as escolas e as aulas de Educação Física ao abordar as danças de matrizes africanas, por exemplo, não significa que estejam cultuando as religiões desta matriz, mas promovendo o acesso legítimo deste conhecimento como saber histórico-social-cultural constituinte das práticas corporais de matrizes africanas. A compreensão de estudantes e toda comunidade escolar de seus sentidos e significados sócio-culturais pode contribuir para desconstrução de estigmas e preconceitos voltados à cultura de matriz africana (danças e religiões). Portanto, explorar a dimensão do conhecimento ‘construção de valores’ para que o respeito às danças e religiões de matriz africana é um fazer docente e escolar potente para a extinção de práticas excludentes, racistas e de intolerância religiosa nas escolas.

4.1.2 Cultura e Resistência

Nessa categoria temática foram aglutinadas subcategorias também definidas à priori pela pesquisa. São elas 1. organização dos encontros, fomento, produção de figurinos, dificuldades/problemáticas, motivações e projetos.

O **Baque Mulher**, de acordo com a Batuqueira 1, o grupo se organiza a cada 15 dias em oficinas. Geralmente quando está chegando perto de algum evento que foi marcado os ensaios, acontecem 2 vezes por semana até a data do evento. Na

sistematização dos encontros do grupo, em cada ensaio é realizado rodas de conversa, onde ocorrem diálogos e entendimentos sobre a dificuldade que cada batuqueira passa e qual a melhor forma de ajudar. As problemáticas mais explícitas enfrentadas pelas mulheres do grupo são assédio moral e físico, abuso sexual, violência física, falta de alimentação e falta de dinheiro, essas problemáticas podem ser um reflexo da sociedade brasileira que é machista e tem um sistema patriarcal onde as mulheres são sempre menosprezadas, desrespeitadas, estupradas e violentadas.

Imagem 11 – Participação do grupo no festival de Dança do Grupo popular Ariús em 2023.



Fonte: Acervo digital Baque Mulher

A pauta que fora pontuada durante a entrevista sobre o papel da mulher, como batuqueira, como dançarina e como um ser necessário diante das comunidades e da sociedade, tanto dentro da cidade de Campina Grande quanto lá em Recife no bairro do Pina. De acordo com a Batuqueira 1, é de extrema importância que toda mulher que for entrar no grupo leia o regimento e a história do movimento e da Mestra Joana, onde as maiores dificuldades enfrentadas pelas mulheres do movimento, citadas acima, acabam sendo reveladas nas letras das loas ou músicas entoadas pelo grupo, como a música sobre a Maria da Penha (que foi feita para as meninas ainda crianças entenderem a importância da lei) e a da deputada Marielle Franco (símbolo de mulher negra, forte e ativista social que fora assassinada).

De acordo com a Batuqueira 1, não há suporte externo. Todo o suporte que o grupo tem são feitos a partir de mobilizações das integrantes. O figurino é custeado, sempre pelas integrantes, e o valor é multiplicado 2 vezes, pois é o valor do seu figurino somado com o valor do figurino para outra batuqueira da Nação Encanto do Pina que não tenha o dinheiro arcar com as despesas do figurino. O grupo já buscou fomento concorrendo à editais de auxílio a cultura ofertados pelo ministério da cultura, mas ainda não obteve uma resposta concreta se foi aprovado ou não (assim como muitos outros grupos de cultura da cidade), nunca recorreu à política partidária representada por políticos da cidade, uma vez que, nunca dão apoio aos grupos de Maracatu da cidade. A coordenadora informou que o grupo não recebe suporte ou apoio de políticas públicas da Secretaria de Cultura da cidade ou do governo estadual, e se mantém a partir de apresentações e cortejos remunerado.

As dificuldades dos Grupos de Maracatu estão relacionadas à produção de figurinos e os instrumentos. É incisiva a Batuqueira 1 ao expressar: “não temos figurinos adequados para todas as batuqueiras dançarem, nem temos batuqueiras o suficiente para que se forme uma ala de dança, nem temos instrumentos para todas” (Baque Mulher).

Imagem 12 – Oficina de dança.



Fonte: Acervo de mídias digitais do Baque Mulher.

Imagem 13 – Ensaio percussivo do Baque Mulher no Cine Teatro São José.



Fonte: Acervo de mídias digitais do Baque Mulher.

O planejamento inicial do **Batuque Nagô**, conforme a narrativa do entrevistado, era apenas realizar oficinas de instrumentos e de percussão nos parques não ocupados da cidade. Assim como, as oficinas não seriam apenas de Maracatu, mas também integraria outras danças como coco de roda, ciranda e coco batido.

As oficinas para novos integrantes geralmente são feitas, geralmente, antes do período de carnaval e antes de novembro. Os ensaios acontecem uma vez por semana, as vezes duas dependendo da programação do mês. Com relação aos figurinos, existe uma taxa para produzi-los que, por sua vez, são custeados pelos integrantes para recebê-los. Nenhuma porcentagem desta taxa fica para o caixa do grupo, afirma o Batuqueiro 2.

As maiores dificuldades do Batuque Nagô estão relacionadas à falta de dançarinos que estejam interessados em compor a ala de dança, bem como, as roupas para os dançarinos, pois o Grupo não tem roupa destinada para todos os batuqueiros. Logo, a maior das problemáticas é financeira dos integrantes para ir em apresentações e ensaios: “falta dinheiro para transportes, salários e estudos”, diz o Batuqueiro 2.

Como estratégia de fomento, e desenvolvimento do grupo, o planejamento atual foi de inscrever no edital da prefeitura de Campina Grande como um grupo folclórico para receber recursos financeiros, a partir disso foram montados um cronograma e uma chamada para dançarinos foi realizada visando a montagem e criação da ala de dança do Batuque Nagô. Atualmente, o Batuque Nagô recebe suporte da Associação de Juventudes, Cultura e Cidadania (AJURCC), como também, tem o suporte do Lab Matulão, onde o grupo guarda seus instrumentos. Porém, recurso financeiro para custear despesas somente pela concorrência e aprovação em editais de fomento, que lançaram projeto e estão aguardando a aprovação.

De acordo com o *site* Paraíba Cultural, a Secretaria Municipal da Cultura de Campina Grande (SECULT), realizou durante o mês de outubro a 4ª Conferência Municipal da Cultura que teve como objetivo promover o debate e garantir os direitos sobre as políticas culturais e suas transversalidades. A conferência atualizou as demandas existentes no âmbito cultural do Município, no total foram debatidos os seguintes temas como: Identidade, patrimônio e memória, Diversidade cultural e transversalidade de gênero, Raça e acessibilidade na política cultural.

Revela o representante do Batuque Nagô, “sempre pedimos auxílio à Secretaria de Cultura da cidade, mas sempre somos descartados (por questões de interesse e de seleção cultural). Então, nosso outro método seria inscrever-se em leis de auxílio à cultura dadas pelo Ministério da Cultura ou editais de apoio à cultura popular”. O grupo, mesmo se apresentando durante o período junino para representar a SECULT e os valores culturais, não recebeu o valor monetário que fora lhe prometido e ainda sim tiveram que tirar do próprio bolso para realizar o festival Arrasta Axé 2023. O único apoio obtido fora de vários outros grupos de Maracatu da Paraíba.

Quando o grupo **Batuque Nagô** se afinou e ficou apenas como ritmo percussivo de Maracatu Nagô, por exemplo, surgiram várias leis de auxílio que exigiam a participação de dançarinos nos cortejos e apresentações, foi então que uma das integrantes, que já dançava em grupo popular da cidade resolveu montar uma ala de dança com orixás, juremeiros e baianos, que nas loas do grupo os citavam, e foi assim que ocorreu o primeiro ‘Arrasta Axé!’ da cidade de Campina Grande que foi fundado pelo grupo. A partir dessa apresentação a ala de dança deu uma estagnada e só retornou em 2023, quando o diretor do grupo se inspirou na música de Luiz Gonzaga “pau de arara”, que explica que no São João além do xote e baião também há festejos de Maracatu, assim foi fundada uma ala de dança no grupo, que contava também com uma corte e com seus dançantes.

Imagem 14 – Inauguração da ala de dança no São João 2023



Fonte: Acervo de mídias digitais do Batuque Nagô.

Imagem 15 – Intervenção percussiva em escolas municipais de Campina Grande.



Fonte: Acervo de mídias digitais do Batuque Nagô.

O **Maracagrande**, de acordo com o Batuqueiro 3, se organiza 1 vez por semana aos domingos a tarde, e quando tem uma apresentação em vista o grupo se organiza pelo menos 2 ou 3 vezes por semana com reuniões, oficinas e ensaios com mais frequência. No sistema de organização de reuniões e rodas de conversa são divididas entre fazê-las online ou presencial, normalmente as pautas levantadas são sobre repertórios, novas loas, questões monetárias e realização de projetos para inscrição nas leis de auxílio cultural.

Durante a entrevista o Batuqueiro 3 focou muito na pauta de questões monetárias e como é complicada a falta de investimento na parte cultural do estado da Paraíba e na cidade de Campina Grande, ele explicou que “é complicado por causa do ex-presidente¹¹ do país, as questões culturais e educacionais foram sendo esquecidas, e por esse motivo, grupos populares e percussivos de todo Brasil foram afetados financeiramente, pois não havia editais para inscrição de projetos”. Para o participante do estudo, considerando a nova gestão do governo federal e do ministério da cultura (gestão do governo Lula/2023), foram lançados diversos editais da pasta deste ministério que contemplam os “brincantes de cultura popular, grupos percussivos culturais, grupos folclóricos e populares, por todo o Brasil”. De acordo com o *site* do Governo e do Jornal da Paraíba, publicado em 09/11/2023, o estado da Paraíba recebeu o investimento de 46 milhões de reais na última lei de auxílio (Lei Paulo Gustavo nº 195, aprovada em 08 de Julho de 2022). Campina Grande, por sua vez, 3,2 milhões de reais, sendo considerado aquém do estimado diante de tantos grupos de cultura, artistas e brincantes de cultura que possuem projeto e ações culturais para concorrer.

11 Referência ao ex-presidente do Brasil Jair Bolsonaro (mandato de 2019 a 2022).

Imagem 16 –Intervenção pública no bairro do Jeremias em Campina Grande.



Fonte: Acervo de mídias digitais do Maracagrande.

Observa-se que os grupos de maracatu trouxeram aos grupos vários estilos e ritmos distintos dentro das africanidades¹², e que faziam uso da dança, mas nunca puderam utilizar desse viés artístico, pois não havia candidatos voluntários para dançar nem tinha recursos financeiros para aquisição de figurinos e adereços.

É citado em uma música do grupo **Baque Mulher**, sobre a Marielle Franco, que foi uma vereadora negra do Rio de Janeiro que lutava e defendia pela favela, lutava questões racistas e defendia as questões feministas, ela junto ao motorista foram assassinados com 13 tiros, Marielle construiu uma história e por esse motivo foi homenageada no grupo “Nasceu na maré, pro mundo dominar Marielle Guerreira, sua voz não vai se calar... Nossas vidas importam, Marielle guerreira sempre presente”. Em apresentações culturais do grupo essa loa e/ou música, sempre é apresentada por representar as diversas formas de africanidades assim como resistência negra e cultural.

Alguns dos problemas em comum encontrados e comparados com os outros dois grupos seriam sobre os recursos externos, dificuldades e os auxílios. Todos os grupos falam sobre como o recurso monetário é o que mais pesa pois é utilizado para renovação

12 “termo “africanidade”, ainda hoje usado por muitos autores, remete a uma perspectiva da antropologia evolucionista. Esse conceito também nos leva ao entendimento de que o continente africano pode ser visto como um todo homogêneo, dotado de indistinção no que diz respeito a práticas, costumes, línguas e cultura” (LIMA, 2019, p. 258)

e reconstrução de instrumentos e figurinos, e sem um auxílio ou um apoio financeiro os próprios integrantes que começam a pagar mensalmente para participarem.

Os grupos de maracatu lamentam e desabafam sobre a forma que a prefeitura de Campina Grande, na gestão de Bruno Cunha Lima, trata a cultura sem ser apenas em época junina ou que esteja ligada diretamente a celebração, não dando a devida importância e o devido cuidado em manter a cultura viva, podendo ser vistos até como forma de preconceito por se tratar de grupos de Maracatu que falam sobre outras religiões e culturas. Dessa forma, o estudo compreende que a gestão pública, nesse caso municipal, precisa atuar e apresentar políticas públicas que reconheçam a pluralidade de manifestações culturais advindas das mais diversas matrizes, de forma a não excluir e não reproduzir preconceitos e discriminação àquelas pouco acessadas pela comunidade campinense, como o caso das de matriz afro-indígena.

Os três grupos destacaram às leis de apoio a cultura que foram lançadas pelo Governo Federal do Brasil, como a Aldir Blanc e a mais recente Lei Paulo Gustavo (que leva o nome do artista e humorista que faleceu de COVID-19 durante a pandemia), aos quais receberiam uma boa quantia que seria utilizada em apresentações, figurinos e instrumentos dos grupos apenas para realização de um projeto aberto ao público e que esteja ligado a cultura.

O estudo atenta-se a ausência da política pública municipal revelada pelos participantes da pesquisa. No estudo realizado por Cordeiro; Costa (2021) sobre identificação e análise de editais públicos e projetos aprovados no campo das danças, especialmente, apresentou o dado de que as leis regulamentadas de incentivo/fomento à cultura desde o ano de 2007 (como é o caso de Campina Grande, considerando um polo cultural paraibano, nos últimos cinco anos (na temporalidade 2013 a 2017) não teve lançado nenhum edital. Esse dado corrobora com as narrativas dos representantes dos grupos de maracatu em Campina Grande sobre a ausência de fomento à cultura em Campina Grande voltada à dança. Enfatizando os participantes, o incentivo que contemple manifestações de matrizes africanas e indígenas.

O Grupo de Resistência Cultural Afro-Indígena ¹³ **Maracagrande**, que até o presente momento não tem interesse algum em construir uma ala de dança ficando apenas com a percussão, não tendo foco apenas no Maracatu como também no coco e ciranda. Não foi demonstrado interesse na parte artística e dançante de Maracatu e nem falou sobre o motivo de não quererem acrescentar essa parte que enriquece mais ainda o grupo.

Segundo os diretores e coordenadores do grupo, os membros não precisam estar ligados a uma religião de matriz africana, mas que é muito importante estudar sobre o que se entoa nas loas e respeitar o direito profissional e cultural do grupo diante das repressões e apresentações públicas. Um dos fatores que já foi citado é que todos os grupos de Maracatu, sejam eles de Nação ou não, seguem parâmetros religiosos interligados com os terreiros de umbanda e candomblé, logo todas as suas loas terão seus conteúdos sempre relacionados com algumas características do terreiro, como alusões aos juremeiros, orixás, caboclos e baianos, assim como mostra no trecho de uma loa do grupo “toca o tambor, meu menino, quero ver arrepiar meu baque é pesado para minha mãe Iemanjá”.

O estudo aponta a relevância de tratar e apresentar esses grupos locais na escola, nas aulas de Educação Física, valer-se de sua potência cultural para combater as diversas formas de preconceitos presentes nas danças, na sonoridade, nas letras das músicas sobre a intolerância religiosa e o racismo. A vivência das danças afro-brasileiras e demais práticas corporais destas matrizes podem e devem tratar os terreiros e casas de axé como outros espaços religiosos, de culto às entidades próprias invocadas pelas danças, orixás e os manifestos contando relatos da escravidão. O combate ao racismo religioso¹⁴ é cada dia mais urgente na sociedade atual. A escola e a Educação Física não podem fugir desse papel formativo de crianças, jovens e adolescentes, no sentido de garantir o direito à liberdade de ser e viver suas danças, crenças e cultos.

13 Afro-Indígena remete-se às características e saberes constitutivos da cultura indígena e africana.

14 Racismo religioso: Termo utilizado para explicar sobre intolerância religiosa e racismo apenas quando se trata de negros e/ou indígenas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os grupos de Maracatu foram surgindo na cidade de Campina Grande por iniciativas de um coletivo visando a valorização, preservação e resistência da cultura afro-indígena, como também, de empoderamento feminino.

Nesse sentido, na vivência do maracatu, a religião de matriz africana ela é constituinte, muito embora os batuqueiros não estejam obrigados/as a cultuá-la. A religião é explicada com o fato de o Maracatu ser um símbolo cultural afro-brasileiro, então as religiões afro-brasileiras irão sim influenciar em vários aspectos inclusive nas histórias de cortejos e nas loas/músicas dos grupos.

A fragilidade das políticas públicas foi recorrente entre os grupos de maracatu, pelo fato de que os três grupos responderam todos a mesma coisa, que são dependentes de leis de auxílio à cultura pelo fato de que a prefeitura e o governo do estado não dão a importância e o devido valor aos grupos como merecem.

Os representantes dos grupos entendem e dão a devida importância na ligação que existe entre a percussão e a dança do Maracatu e estão conscientes que a dança e o cortejo, estando presentes ou não, em suas apresentações é uma forma de manifestação cultural. Acredita-se que, o histórico-cultural da cidade sempre foi ligado aos festejos juninos e sempre interligavam o Maracatu com o carnaval por causa dos festejos em Pernambuco, sendo que poucos sabem, mas essa manifestação pode e deve ser valorizada durante os festejos juninos por causa de suas cores e de seu ritmo na percussão.

Acredita-se que professores e futuros profissionais de educação básica precisam entender a trajetória e história das danças de matrizes africanas, como o Maracatu, presentes na lei 11.645/08 que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, bem como, a BNCC que apresenta como objeto de conhecimento, nos 3º aos 5º anos, também as danças de matrizes africanas e indígenas. Tornar as práticas corporais de matrizes africanas e indígenas presentes e acessíveis na escola e nos diferentes campos de conhecimento de forma a desenvolver a consciência crítica de toda comunidade escolar, abordar sobre ancestralidade, corpos e danças, enfraquecer o racismo estrutural

nas escolas e propiciar relações e convivências respeitadas e humanas com base no direito e no respeito às diferentes formas de manifestação cultural.

A Educação Física ao tratar sobre o Maracatu, outras danças e práticas corporais de matrizes africanas deve propiciar a compreensão de estudantes sobre os sentidos e significados das mesmas, trabalhando a construção de valores, como respeito, empatia, anti-racismo, dentre outros. Portanto, discutir e apresentar o Maracatu nas escolas durante aulas de Educação Física, possa abordar temáticas importantes como racismo religioso, preconceito musical, sentidos/significados das gestualidades das danças e das músicas, de forma a dar visibilidade e apropriação do conhecimento produzido a partir dos grupos de Maracatu locais investigados por este estudo.

Por entender a escola como um espaço potencial de desenvolvimento cultural, espera-se que a instituição possa acessar, divulgar e tematizar os grupos de maracatu atuantes em Campina Grande, seja oportunizando oficinas, rodas de conversa, festivais culturais, apresentações, dando visibilidade a cultura negra em sua ancestralidade e contemporaneidade. Espera-se ainda, que instituições governamentais compreendam a cultura como desenvolvimento humano, social e econômico, em que os agentes culturais, como os grupos de maracatu participantes, necessitam de recursos financeiros para criar e produzir dança e música.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CAVALCANTI, Joana. *Mas que som, batida e baque são esses? Maracatu de Baque Virado*. Baque Mulher Recife FBV, Recife – PE, 2015. Disponível em: <<https://baquemulher.com.br/o-maracatu-de-baque-virado/>>. Acesso em: 26 de Março de 2023.
- CHAVES, Suiá Omim Arruda de Castro. Carnaval em Terras de Caboclo: uma Etnografia sobre Maracatus de Baque Solto. *Programa de Pós-graduação em Antropologia Social do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro*, fevereiro de 2008. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social).
- CORDEIRO, José Euler de Almeida; COSTA, Elaine Melo de Brito. Estudo diagnóstico sobre políticas públicas de incentivo à cultura e suas implicações em experiências de lazer no agreste paraibano. In DANTAS, Eduardo Ribeiro; ARAÚJO, Bruno Medeiros Roldão de. (Orgs.). *Cenários do esporte e lazer na Paraíba*. Editora Eireli: Campina Grande, 2021.
- Inventário Nacional de Referências Culturais do Maracatu de Baque Solto*. Dossiê, volume 2, FUNDARPE: Recife/PE, 2013. Disponível em http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/DossiC3%AA_MARACATU_RURAL.pdf
- ESTEVES, Leonardo Leal. “Maracatu é um brinquedo pesado!”: Notas sobre as dimensões da “cultura do baque solto”. *REIA - Revistas de Estudos e Investigações antropológicas*, ano 4, volume 4(1):111-131,2017. Disponível em: < <https://periodicos.ufpe.br/revistas/reia/article/view/230025> >. Acesso em: 27 mar. 2023.
- GUERRA, Peixe. *Maracatus de Recife*. Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro: São Paulo 2ª edição, 1980.
- GUILLEN, Martins Cristina Isabel e LIMA, França de Marciano Ivaldo. *Os Maracatus Nação do Recife e a Espetacularização da Cultura Popular*. Revista de História: SAECULUM, 2006. Disponível em: < <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/srh/article/view/11350/6464> >. Acesso em: 11 de Março de 2023.
- JESUS, Paulo Ricardo Pizzani de. *O Maracatu Nação Pé de Elefante e sua rede cultural: religiosidade, sociabilidade, identidade e diversidade*. Rio Tinto: [s.n.], 2015. 77 f. : il.
- LÉLIS, Carmem. *Maracatu nação é uma coisa, grupo de percussão é outra*. Interd: Ciência e Cultura, 2021. Disponível em: < <https://interd.net.br/maracatu-nacao-e-uma-coisa-grupo-de-percussao-e-outra-entenda/20/01/2021/> >. Acesso em: 10 de Março de 2023.
- LIMA, França de Marciano Ivaldo. *Identidade negra no Recife: Maracatus e Afoxés*. Recife: Editora Bagaço. 2ª edição, 2018.
- _____. As “origens” dos maracatus-nação do Recife: uma história linear e sem transformações. *Revista Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 11, n. 27, p. 255 - 282, maio/ago. 2019.
- MEDEIROS, Roseana Borges. *Maracatu Rural: Luta de Classes ou Espetáculo?*. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003.

MENDONÇA, Camila. **Maracatu: História e características**. Educa mais Brasil, 2019. Disponível em: < <https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/artes/maracatu> >. Acesso em: 10 de Março de 2023.

PÉREZ GÓMEZ, A. O pensamento prático do professor: a formação do professor como prático reflexivo. In: NÓVOA, A. (Org.). *Os professores e sua formação*. Lisboa: Dom Quixote, 1992, p.17.

PEREIRA, Gonçalves Renata. *O que é Maracatu? Origem e história da dança tradicional brasileira*, 2015. Disponível em: < <https://segredosdomundo.r7.com/o-que-e-maracatu/> >. Acesso em: 11 de Março de 2023.

SILVA, Edson. Xukuru: História e memórias dos "caboclos" da Serra do Ororubá (Pesqueira, PE). In: OLIVERA, João Pacheco de (org.). *A presença indígena no Nordeste: processos de territorialização, modos de reconhecimento e regimes de memória*. Rio de Janeiro: Contracapa, 2011, p. 483-510.

SILVA, Francisco Nelo. *Cultura afro brasileira: Dança do Maracatu no Ceará e as suas representações*. - Redenção, 2016. Of: il.

VIANA, Chacon. *Maracatu é religião, é vida, comunidade, força, conjunto. Tudo que não consegue ver, só sentir. Nação do Maracatu Porto Rico, Recife-PE*, 2000. Disponível em:< <https://nacaoportorico.maracatu.org.br/sobre/> >. Acesso em: 25 de Março de 2023.

VICENTE, Severino. *Maracatu Rural envolve milhares de pessoas nos Campos de PE*, 2015. Globo Rural. Disponível em: < <https://g1.globo.com/economia/agronegocios/noticia/2015/06/maracatu-rural-envolve-milhares-de-pessoas-nos-campos-de-pe.html> >. Acesso em: 25 de Março de 2023.

VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. *Temáticas*, Campinas, v. 22, n. 44, p. 203-220, 2014. Disponível em: https://www.academia.edu/16320788/A_Amostragem_em_Bola_de_Neve_na_pesquisa_qualitativa_um_debate_em_aberto. Acesso em: 16 de abr de 2023.

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA

ROTEIRO PARA ENTREVISTA

I – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

- 1.1 Entrevistado(a):
- 1.2 Integrante do:
- 1.3 Função que exerce no grupo:
- 1.4 Tempo no grupo (informar entre as funções exercidas):

II – SOBRE O GRUPO

- 2.1 Como surgiu o Grupo (Ano de fundação e objetivos)
- 2.2 Qual a nação de Maracatu que o grupo representa?
- 2.3 Quem são as pessoas que integram o grupo (são da comunidade? Quem pode integrar?)
- 2.4 O grupo integra música/percussão e dança? Caso seja um grupo que integre a dança, como funciona a divisão de ensaios entre percussão e dança?
- 2.5 Caso sim, quem são elas/es que dançam? São dançarinos profissionais de grupos de dança ou próprios do grupo? Qual o estilo de dança que geralmente representam, além do Maracatu?

III – A FORMAÇÃO DE PARTICIPANTES

- 3.1 Foi realizado ou idealizado um planejamento no início de formação do grupo?
- 3.2 Os integrantes do grupo precisam estar ligados a alguma das religiões de matriz africana? Existe busca de novos integrantes?
- 3.3 Como funcionam as chamadas para novos integrantes? Existe algum tipo de projeto ou oficina? Existem eventos, ações ou oficinas para atrair novos olhares para o grupo?
- 3.4 Como se organiza o grupo (reuniões, ensaios, aulas, oficinas?)
- 3.5 Quais as problemáticas ou dificuldades mais explicitadas pelos integrantes do grupo?

IV – A MANUTENÇÃO DO GRUPO

- 4.1 Quais as maiores dificuldades que o grupo passa? Existe algum planejamento atual para o desenvolvimento?
- 4.2 Existem planos futuros para o grupo? Se sim, quais são eles?
- 4.3 Houve suporte de recursos externos? Se sim, que tipos?

4.4 É cobrada taxas para figurinos? - Existe um orçamento para cada apresentação paga?

4.5 Quais as dificuldades e/ou motivações dos grupos para inserir as dança ou representações de cortejo?

4.6 Já foi feito algum projeto para realizar oficinas em escolas, públicas e privadas, da cidade? Se sim, como funcionariam? Iria pedir auxílio da prefeitura da cidade, políticos ou leis de auxílio à cultura?